



CHEGA DE ESCRAVIDÃO

Jornal do Sindicato Geral Autônomo do Rio de Janeiro | Filiado à FOB | Edição 07 / Agosto 2021

A GESTÃO DA PANDEMIA DOS GOVERNOS E PATRÕES:

DESEMPREGO, VIOLÊNCIA, FALTA DE MORADIA E FOME

O número de morte na pandemia já contabiliza oficialmente mais de meio milhão de homens e mulheres mortos. Principalmente trabalhadoras e trabalhadores negros. Já está mais do que claro que o governo Bolsonaro-Mourão e o ministro da economia Paulo Guedes (representante do banco BTG Pactual) escolheram a morte de milhões com sua política de austeridade da chamada imunidade de rebanho. Escolheram essa política para em tese economizar dinheiro. Inclusive o próprio declarou que se morresse aposentado haveria economia para o governo. A pandemia serviu de guerra biológica do governo federal, das forças armadas e da classe empresarial para matar o povo. Além do assassinato cortaram direitos, aumentaram o desemprego, a fome e a miséria.

Enquanto a Pandemia avançava o povo foi obrigado a se espremer em ônibus, trem, barcas e metrô para conseguir sobreviver. Sem política econômica de auxílio o isolamento social ficou restrito a poucos. Essa política foi de proposito e não por acaso. O auxílio emergencial de 600 reais só saiu devido a pressão social.

O governo se negava a comprar vacinas, ignorando as empresas que fabricavam vaci-

nas. Só se movimentou para a compra depois que viu a possibilidade de ganhar dinheiro via intermediários. Militares e os políticos do chamado centrão viram isso como uma boa oportunidade. Com isso a vacinação do povo brasileiro atrasou. Sem medidas de ajuda econômicas, com pouco isolamento social e atraso nas vacinas tivemos mais de 300 mil morte que teriam sido evitadas. A gestão da pandemia pelo governo é crime de humanidade.

Segundo o Painel Unificador das Favelas do Rio de Janeiro até maio de 2021 4.722 óbitos e 48.260 casos de covid haviam sido confirmados nas favelas. Isso segundo dados oficiais, que devem estar subnotificados. Só na cidade do Rio de Janeiro foram até junho mais de 30 mil mortes. Somando a região metropolitana são mais de 40 mil.

FOME, DESEMPREGO, MISÉRIA, FALTA DE MORADIA E TERRA.

A situação de fome, desemprego, miséria, falta de moradia e terra para plantar só cresce por todo o país. O número de moradores de rua cresce a cada dia. Aqui no centro do Rio de Janeiro isso é muito claro. A taxa de desemprego hoje é de 23,1%, ou seja, 23 milhões de trabalhadores estão sem emprego. Além disso, os rendimentos dos nossos salários diminuíram. Segundo pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (REDE PENSSAN), cerca de 116,8 milhões de pessoas "conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentavam a fome



AR
EIR
2021
o 19 DE JUNHO

Por outro lado, o número de bilionários brasileiros aumentou durante a pandemia. Segundo a revista Forbes, 22 brasileiros entraram ou retornaram à lista de pessoas com pelo menos 1 bilhão de dólares em patrimônio, em 2021. No total, são 65 brasileiros na lista e 2.755 em todo o mundo (660 a mais que no início de 2020)

No acumulado de 12 meses até maio de 2021, a alta de preços para as famílias com rendas muito baixas foi de 8,9%, para as com rendas baixas foi de 8,7% e para aquelas com rendas altas foi de 6,3%. Além disso, a maioria dos trabalhadores sequer tem conseguido repor a inflação. Apenas 14% das negociações coletivas conseguiram aumentar seus salário além da inflação.

Os patrões, políticos e falsos profetas só nos entregam promessas falsas, fome, desemprego e miséria. A saída é NÓS POR NÓS. SÓ O POVO SALVA O POVO. Se organizar por meio do Sindicalismo Revolucionário, por meio da FOB para conseguirmos avançar no único caminho de libertação: uma revolução social por um mundo de igualdade, liberdade e justiça!



Latuff
2021
BRASIL247.COM

Prefeitura: AUMENTO DA REPRESSÃO E ELITIZAÇÃO DO CENTRO DO RIO

A prefeitura de Eduardo Paes só tem para nós trabalhadores a política de violência. Na câmara municipal novamente está para entrar em pauta a discussão de armamento da já violenta guarda municipal. A “ordem urbana” da prefeitura significa a repressão e proibição de camelôs ganharem seu sustento, principalmente no centro e zona da sul da cidade. A repressão só aumenta. No dia 29 de abril de 2021 foi lançado o Decreto nº 48.806 que “determina a realização de intervenção especial de ordenamento urbano em área da Avenida Rio Branco e na Praça Floriano, no Centro da Cidade”. Este decreto libera a Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEOP) poderá realizar operações para prevenir e coibir, entre outros, “qualquer atividade de comércio ambulante”, “guarda ou armazenagem de quaisquer bens, mercadorias, móveis e objetos de uso pessoal” e “usos de moradia”.

Essa repressão sobre os camelôs no centro da cidade está articulado com setor imobiliário da cidade. Em maio foi aprova-

do o projeto de lei complementar nº 11/2021, de autoria da Prefeitura de Eduardo Paes, que instituiu o programa Reviver Centro. O projeto foi encaminhado à Câmara sem a realização prévia de debates com a população.

Esse projeto não vai promover moradia para os trabalhadores pobres. Pelo contrário, o projeto tem como intuito principal atender a especulação imobiliária e vender imóveis para pessoas com renda suficiente para pagar os vultuosos empréstimos bancários. A população que sobrevive e vive no centro do rio está sendo expulsa. Assim como aconteceu no projeto do porto maravilha e de destruição do Maracanã que gerou a expulsão dos moradores da favela do metrô mangueira. Na área central existem, por exemplo, 155 cortiços com cortiços envolvendo 2.450 quartos, e 2.638 pessoas vivendo nessa forma de moradia. Cerca de 100 desses cortiços estão situados

exatamente na área delimitada pelo Reviver Centro. O projeto em nada contempla esses moradores. Temos milhares de imóveis vazios e abandonados e milhares de pessoas morando em condições precárias ou sem teto pelas ruas e ocupações do Rio de Janeiro!

Ocupar, Resistir!

Abaixo ao programa Reviver Centro!

Pelo fim do decreto 48.806!

Não ao armamento da guarda municipal!!



POLÍTICA DE EXTERMÍNIO: PMs do Rio usam a tróia para matar nas comunidades



Kathlen em grafite (realizado por Aira, o Crespo) na comunidade Lins de Vasconcelos | foto: Pilar Olivares/REUTERS

As investigações feitas pela Rede de Observatórios de Segurança descobriu a prática da tróia pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Trata-se de uma prática ilegal das policias, os agentes preparam uma tocaia para executar suspeitos, sem voz de prisão, anúncio de prisão ou legítima defesa.

Ainda segundo as investigações da Rede de Observatórios de Segurança, colhendo depoimentos de moradores das comunidades, a jovem grávida, Kathlen Romeu, executada no dia 8 de junho no Complexo do Lins por policiais da UPP, foi vítima de uma tróia.

Estamos diante de uma política de extermínio, cujos alvos são os moradores das comunidades e periferias, principalmente os pretos e pretas. Segundo Fogo Cruzado,

no RJ, de janeiro a junho de 2021, ocorreram 2.791 tiroteios que deixaram 1.138 pessoas baleadas: 593 mortas e 545 feridas.

O mês de maio foi marcado pela maior chacina durante uma operação policial da história do Rio de Janeiro, a Chacina do Jacarezinho, que terminou com 27 moradores executados e 5 feridos. Mesmo com a decisão de 5 de junho de 2020, quando o STF restringiu as operações nas favelas durante a pandemia da Covid-19, 944 pessoas foram assassinadas em ações policiais até o início do mês de maio desse ano.

Não podemos mais aceitar essa política de extermínio! Temos que organizar uma greve geral contra o genocídio do povo negro e morador das favelas e comunidades!

Parem de nos matar!
Vidas das favelas importam!



O ENSINO REMOTO AUMENTOU A EXCLUSÃO NAS ESCOLAS



Exclusão digital e desigualdades sociais e econômicas dificultam ainda mais o acesso aos conteúdos escolares com o isolamento em função da pandemia da Covid-19. O chamado ensino remoto só aumentou a exclusão nas escolas.

O Brasil tem 47,3 milhões de matrículas na educação básica, segundo o Censo 2020, a maioria em escolas municipais e estaduais. Em mais da metade dos estados, menos de 60% das famílias têm acesso à internet banda larga. E menos de 40% das escolas básicas públicas têm computadores ou tablets com acesso a estudantes e profissionais de educação. Sem políticas públicas para garantir o ensino dos

nossos filhos, os governos contribuíram para aumentar as desigualdades sociais.

No ano passado, foram cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes sem acesso à educação. A quantidade de alunos, com idades entre 6 e 17 anos, que abandonaram as instituições de ensino foi de 1,38 milhão, o que representa 3,8% dos estudantes. A taxa é superior à média nacional de 2019, quando ficou em 2%, segundo dados da Pnad Contínua. Somado a isso está a situação de 4,12 milhões de alunos (11,2%) que, apesar de matriculados e sem estar em período de férias, não receberam nenhuma atividade escolar, resultado do ensino pautado pelas aulas online.

As comunidades escolares, famílias, estudantes e profissionais de educação precisam organizar comitês em todas as escolas públicas, com o objetivo de construir ações coletivas de ações para combater a exclusão dos estudantes filhos e filhas da classe trabalhadora

150 ANOS DA COMUNA DE PARIS

Há 150 anos a capital francesa, Paris, era tomada pela insurreição de trabalhadores e trabalhadoras que deu início a experiência revolucionária de autogoverno popular e federalismo da Comuna de Paris, se espalhando também para cidades como Lion, Marselha e Toulouse.

“Vive la Commune!” Foi o grito que estourou em 18 de março de 1871 frente a capitulação da burguesia republicana e a invasão estrangeira no contexto da Guerra Franco-Prussiana. A guarda nacional composta por trabalhadores com o apoio do movimento socialista, uma importante presença da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e influências das ideias federalistas do anarquista Pierre Joseph Proudhon, toma o poder sobre a cidade de Paris. O primeiro decreto da Comuna foi a supressão do exército e sua substituição pelo povo em armas.

A Comuna de Paris terá fim após 72 dias com o massacre dos “comunards” na Semana Sangrenta que termina em 28 de maio de 1871. A experiência revolucionária de autogestão dos trabalhadores passa a ser um dos pilares para a construção dos modelos políticos e debates entre as correntes socialistas até os dias atuais. Louise Michel, anarquista francesa e símbolo da Comuna, que teve a fundamental participação das organizações de mulheres do povo, proclamava: “Não podem matar as ideias a tiros de canhão nem tão pouco algemá-las. O fim apressa-se tanto mais quanto o verdadeiro ideal surge, belo e poderoso, superior a todas as ficções que o precederam”.

Lembrar dos 150 anos da Comuna de Paris é recuperar a certeza de que é possível a construção de um novo mundo, baseado na justiça, liberdade e igualdade, um novo mundo construído pela luta da classe tra-

balhadora, pelo protagonismo daqueles e daquelas que são dos únicos responsáveis pela produção de todas as coisas necessárias às nossas vidas.



TODO DIA É DIA DAS MULHERES TRABALHADORAS

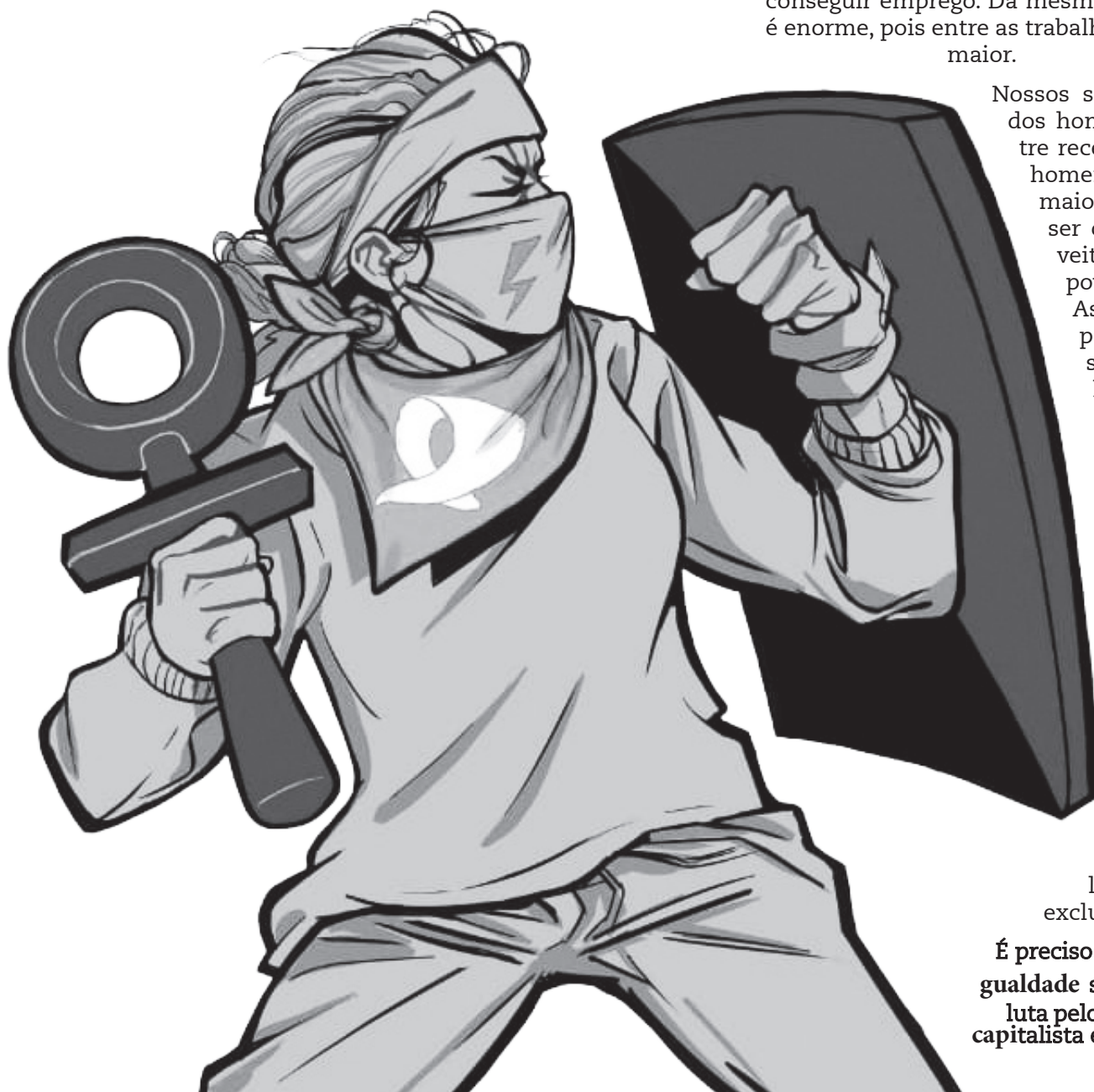
A impressão que nós temos é que as mulheres trabalhadoras são lembradas somente uma vez ao ano, em função do 8 de Março, no Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras, mas nós sabemos que a realidade é bem diferente, que nós trabalhadoras somos fundamentais para a sociedade, mas infelizmente sofremos com a exploração e a violência.

Vivemos em nosso país uma situação de grande desemprego, por um lado, e de intensas jornadas de trabalho com baixos salários, por outro. Segundo o IBGE, nós estamos sofrendo mais com o desemprego, pois no 1º trimestre de 2021 nossa taxa de desemprego atingiu a marca recorde de 17,9%. Entre os homens a taxa foi de 12,2%. Engravidar ou ter filhos pequenos ainda são obstáculos para conseguir emprego. Da mesma forma, a questão do racismo ainda é enorme, pois entre as trabalhadoras negras o desemprego é ainda maior.

Nossos salários são mais baixos do que os dos homens, enquanto no primeiro trimestre recebíamos em média 1.995,00 reais, os homens recebiam 2.574,00 reais. Quanto maior o desemprego, menores tendem a ser os salários, pois os patrões se aproveitam do desespero e necessidade do povo para oferecer salários mais baixos. Assédio moral e sexual também fazem parte do nosso cotidiano de trabalho, sofremos com pressões psicológicas e humilhações.

Mas a exploração econômica e opressão sobre as mulheres trabalhadoras não acaba aí. No Brasil, o tempo que nós mulheres dedicamos às tarefas domésticas é superior ao dos homens. Em 2019, de acordo com o IBGE, nós dedicávamos 21,4 horas semanais em média aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos contra 11 horas dos homens. Essas tarefas, de cuidados com a casa (alimentação, limpeza, organização etc.) e com os filhos, é fundamental para a reprodução da vida humana de toda a sociedade. Porém, ela é vista como se fosse obrigação natural das mulheres – e muitas vezes como tarefa exclusiva.

É preciso entender que a mudança dessa desigualdade só ocorrerá com nossa organização e luta pelos direitos iguais e contra a exploração capitalista e machista.



**ACOMPANHE
NOSSAS REDES:**

www.lutafob.org
twitter.com/lutafob
email: sigarjfob@protonmail.com

[instagram.com/chega_de_escravidao](https://www.instagram.com/chega_de_escravidao)
[instagram.com/lutafob](https://www.instagram.com/lutafob)
[instagram.com/siga.fob.rj](https://www.instagram.com/siga.fob.rj)